



MOVERE MUTATIO: AS PAISAGENS CURRICULARES EM FLUXO NA EDUCAÇÃO EM VISUALIDADE

Tatiana Fernández. Unb
Belidson Dias. Unb

RESUMO: Este artigo analisa as aberturas para o desconhecido, a diferença e a dissidência que são possíveis na Educação em Visualidade na perspectiva do *currere* de William Pinar. Diferentemente de um currículo, ele explora o *currere* como um percurso imprevisível de objetivos. A abordagem parte de três obras realizadas por dois estudantes do ensino médio entre 2004 e 2007 nas aulas de arte numa escola na Bolívia. Por meio delas se analisa a ideia de uma paisagem curricular em fluxo e a ideia de um tecido curricular como objeto estético para reconstruir as esferas do subjetivo e do social na escola.

Palavras chave: Currere, Currículo vivo, Paisagem curricular em fluxo, Educação em Visualidade

ABSTRACT: *This paper analyses the open possibilities for the unknown, difference and dissidence in Visual Education through William Pinar's currere perspective. Differing from a curriculum, he explores the currere as an unpredictable course of objectives. This approach departs from three works done by two students from high school between 2004 and 2007 in a Bolivian school art classes. They provide means to analyze the idea of curricular landscapes in flux and the curricular text as an aesthetic object to reconstruct subjective and social domains in school.*

Key words: *Currere, Live curriculum, Curricular landscape in flux, Visual education*

A paisagem não é alentadora. Na últimas décadas, especialmente nos países do Norte Europeu e Americano, os sistemas educativos vem promovendo uma centralização curricular onde o professor, os estudantes e os programas curriculares são cada vez mais padronizados, controlados e regulamentados com sistemas rígidos e regulamentadores de avaliação externa de qualidade educativa deixando pouco espaço para abordagens mais responsivas ao contexto e situação onde acontece a educação. Os teóricos da Pedagogia Crítica estão cada vez mais preocupados com o rumo que esta tendência está tomando nos Estados Unidos e na Europa numa era de grandes conflitos culturais, bélicos, políticos e econômicos. É crucial na América do Sul refletir sobre a importância de transformar a educação, não em direção à padronização, mas em direção à diferenciação para continuar nosso processo de emancipação política. Como poderíamos mudar esta paisagem? Seria necessário valorizar paisagens ontológicas onde a vida acontece e visualizar paisagens existenciais onde as pessoas se formam.

Este artigo analisa as aberturas para o desconhecido, a diferença e a dissidência que a Educação em Visualidade torna possível com o objetivo de argumentar por uma abordagem curricular que seja uma "conversa complicada" antes que um percurso previsível de objetivos como proposto por William Pinar (2004, 2008) com o conceito de *currere*. Com esta ideia Pinar desloca nossa atenção sobre um currículo de padronização para um currículo da diferenciação.

Na primeira parte deste artigo apresenta-se o conceito de *currere* de Pinar em relação ao conceito de paisagens curriculares em fluxo originado na ideia de Ted Aoki de "paisagens curriculares da multiplicidade", assim como a ideia do currículo como um objeto estético para a Educação em Visualidade. Na segunda parte se apresentam três obras realizadas por dois estudantes do ensino médio entre 2004 e 2007 numa escola na Bolívia para analisar estas abordagens curriculares que permitem aberturas ao desconhecido, à diferença e à dissidência.

O *currere* e as paisagens curriculares em fluxo

No livro *Landscapes of Learning* Maxine Greene escreveu: "estar em contato com as nossas paisagens é estar consciente das evoluções das nossas experiências, ser conscientes das maneiras como nos encontramos com o mundo" (1978, p. 2). Greene se referia às paisagens internas e externas em que as pessoas vivem e que se tecem entre o passado e o futuro, entre o singular e o plural, entre o real e o virtual, entre o sujeito e o objeto. A fidelidade ao que seria "minha paisagem" não exige, no entanto, um pertencimento único, unívoco ou patriótico porque as paisagens se fazem, se descobrem e se inventam, mas também se impõem sobre nossa vida. O que exige é uma consciência do seu fluxo, da sua multiplicidade e da vitalidade que proporcionam suas diferenças. A aprendizagem e o ensino só ocorrem quando algo entra a fazer parte da nossa paisagem.

Esta visão do corpo imerso num mundo (espaço/tempo) mutante, líquido, que se transforma junto com as transformações da percepção são o centro da filosofia fenomenológica em Maurice Merleau-Ponty ([1945] 1996). Para ele a experiência do espaço e do tempo é singular porque nossa percepção é situada. Não se trata da posição (coordenada) em que nos encontramos no mundo, mas da situação

(relações) que vivemos, isto é, se trata da existência. A paisagem é pois, a percepção da nossa existência, que embora possa ser virtual, sempre é real porque existimos nela. Esta ênfase sobre a experiência da paisagem é uma ênfase que une a singularidade do ser à pluralidade do mundo como pensou John Dewey em "Experiência e Natureza" (1929). Para Greene, compreender estas paisagens é estar em estado de consciência completamente acordado à vida e seus requerimentos (*wide-awakeness*). Este estar amplamente acordado tem um risco porque exige ver além das fronteiras inscritas na cultura, no corpo, na história e se preocupar com o meio ambiente da vida real, atual e situada. Em um mundo dominado pela violência da iniquidade social e econômica, em estado de guerra constante, cuidar da natureza parece uma ingenuidade quando se entende a natureza separada da existência. Assim, a Educação da Visualidade não se refere a um ver como função óptica, mas a um ver o mundo "amplamente acordado". Cuidar da natureza é reinventar e reconstruir a paisagem existencial.

Nenhuma reforma curricular poderia garantir isto em parte alguma. A reconstrução da realidade, como argumenta Pinar (2011), é intelectual e por este motivo se dá de maneira que não poderíamos prever. E um currículo é justamente uma previsão dos processos de ensino e aprendizagem. Pinar oferece a ideia de *currere* que, à diferença da ideia do currículo (e do qual é o infinitivo) não é um percurso previsível de objetivos, é uma "conversação complicada consigo mesmo" onde o sentido da educação é questionado, se perguntando qual o seu significado e a sua relevância. Um *currere* é uma "conversação complicada" (PINAR, 2004) nas bases do desconhecido, da diferença e do dissenso que promove uma subjetividade situada. Um *currere*, à diferença de um currículo, requer, segundo Pinar (2008):

- a) engajamento intelectual
- b) atenção sobre o momento histórico em vez de objetivos
- c) novos conceitos
- d) ser situado num espaço/tempo específico (existencial, fenomenológico)

Pinar encontra o exemplo de um *currere* na crítica da arte onde o artista o crítico e o público entram numa "conversação complicada" em que a diferença e o dissenso são valores dinâmicos que mudam o artista, o crítico o público e a obra.

Elliot Eisner (2002) analisa esta possibilidade implícita no julgamento estético que a crítica faz como uma forma de avaliar a aprendizagem das artes e lembra que Dewey já tinha apontado o papel do crítico de arte para diferenciar entre padrões e critérios. Os padrões tem três características, aponta Dewey: são coisas particulares que existem, não são valores; são medidas de coisas que existem e definem as coisas respeito a uma quantidade. Medir um objeto não é uma forma de julgamento. O valor da medida é que é julgada de acordo a critérios convencionais. A crítica é julgamento e isto requer um elemento hipotético centrado nas qualidades de um objeto (DEWEY, 2010), isto é, na sua singularidade. A padronização não permite uma singularização ou uma pluralidade de visões não permite uma conversação entre as partes nem uma avaliação qualitativa ou quantitativa real. Uma "conversação complicada" envolve uma construção onde todos mudam. Há um deslocamento que pressupõe a alteridade. A transformação acontece na comunicação com o outro. Isto significa para a educação uma "comunicação através de diferenças" (BIESTA, 2010, p. 724) onde a participação na construção é uma chave central.

A diferença entre um currículo padronizado que é pensado na sua dimensão instrumental e um *currere* que surge da comunicação através das diferenças é a distinção que Eisner (2002) faz entre o que ele chama de currículo *in vitro* e currículo *in vivo*. O primeiro é desenhado em condições de laboratório, o outro em condições vivas que implicam uma situação real. Neste sentido ele compartilha com Aoki a ideia de um currículo vivo (PINAR e IRWIN, 2005), isto é, um currículo que surge da vida e encontra seu sentido nela. Este pensamento está na base de toda a filosofia educacional de Dewey e Paulo Freire. Inspirado no pensamento de Freire, Aoki defende o currículo como uma "práxis situacional" onde professores, estudantes e toda a comunidade educativa dão forma à realidade da escola ao mesmo tempo em que as pessoas se dão forma a si mesmas. Para que isto aconteça deve haver uma tensão entre um currículo planejado e um currículo vivo, como há uma tensão entre o singular e o plural, o individual e o coletivo. Ser professor para Aoki é viver neste terceiro espaço "entre", um espaço - ponte entre a vida e o pensamento (um pensamento que não está separado da experiência sensível ou experiência estética) (PINAR e IRWIN, 2005). Nesta compreensão os estudos curriculares devem indagar

sob uma ótica fenomenológica e existencial antes que instrumental para uma educação emancipadora.

O *currere* permite também pensar no currículo como um objeto estético porque implica uma questão ética onde a aparência da subjetividade conduz a uma ruptura com a ordem das coisas (ver GUATTARI, 1995; FOUCAULT, [1977] 2008; RANCIÈRE, 2005). Se a singularidade artístico - estética pode ser reafirmada é possível que surja uma multiplicidade de paisagens, uma pluralidade de visões como pensa Greene (1988, apud PINAR et al. 2008). De maneira similar um *currere* é o que Aoki chama de "paisagem curricular da multiplicidade" (PINAR e IRWIN, 2005) porque nos chama a considerar um currículo em processo de produção e em procura de significado. Neste contexto chamamos de "paisagem curricular em fluxo" para enfatizar tanto a diferença como o movimento da paisagem curricular.

Movere Mutatio: o desconhecido, a diferença e a dissidência

Entre 2004 e 2007 tive¹ a oportunidade de acompanhar o trabalho escolar de dois de meus estudantes do ensino médio numa escola privada na Bolívia. Conservei registro de três destes trabalhos que eles sempre realizavam juntos e das reflexões críticas que fiz sobre dois destes trabalhos. A partir deles analisam-se as aberturas ao desconhecido, à diferença e à dissidência na Educação em Visualidade e o que isto significa para um currículo de diferenciações na paisagem curricular em fluxo.

No primeiro trimestre de 2004 meu planejamento de aula para o 2º ano da escola secundária (equivalente ao 1º ano do ensino médio no Brasil) era a Arte da Idade Média e com ela as relações entre estética e a matemática que meus estudantes deviam abordar de maneira contemporânea nos trabalhos práticos. Os estudantes Jonathan Capra e Héctor Mercado decidiram trabalhar juntos e se envolveram numa pintura mutante ou um *work in progress* como se conhece na arte contemporânea, com uma configuração simétrica simples mas muito dinâmica da qual apresento só duas fases registradas (fig. 1 e 2).



Fig. 1. Jonathan Capra, Héctor Mercado, 2° secundária (equivalente à 1° série ensino médio) uma aproximação contemporânea da estética medieval - *work in progress*. Fase intermédia. Mista sobre madeira. Pintura a duas mãos. Colégio Saint Andrews, La Paz, Bolívia, 2004.



Fig. 2. Jonathan Capra, Héctor Mercado, 2° secundária (equivalente à 1° série ensino médio) uma aproximação contemporânea da estética medieval - *work in progress*. Fase final. Mista sobre madeira. Pintura a duas mãos. Colégio Saint Andrews, La Paz, Bolívia, 2004.

Eles se propuseram mudar a pintura ao longo do ano sem sair da monocromia dos cinzas coloridos nem da forma estabelecida. É uma obra a dupla mão em que a pincelada de um desafia o seguinte passo do outro numa espécie de diálogo estético. A respeito deste trabalho escrevi no informe trimestral:

Es una de las mejores propuestas que, a mi juicio, se han presentado, pues encierra en sí la flexibilidad, la originalidad y la elaboración constante en el proceso creativo, un proceso que en este caso sigue la nueva percepción de un mundo cambiante, abierto, que dialoga, en un juego en el que el intelecto analiza, reflexiona, critica, propone, percibe y trasciende.(FERNANDEZ, 2005)

Jonathan e Héctor se propunham uma tarefa que não tivesse fim, que proporcionasse a eles o descobrimento da diferença na repetição e que se estabelecesse no diálogo entre a pincelada de um e do outro como num jogo de xadrez. Eles decidiam o momento em que a pintura devia secar e assim se alterava na aula seguinte fazendo isso continuamente em todas as aulas práticas em que sentiam vontade de prosseguir com essa estratégia.

No terceiro trimestre daquele ano abordamos o período Barroco e a proposta era pesquisar sobre os valores dramáticos da imagem na fotografia. Estes dois estudantes já estavam envolvidos com futebol nas suas pesquisas em aula de arte e desta vez fizeram estudos das contorções dos corpos na fotografia jornalística do futebol colecionado e selecionado por meio de enquêtes sobre o gosto futebolístico. Depois procuraram entender estes movimentos dramáticos no próprio corpo explorando a fotografia nos seus ângulos mais agudos (fig. 3).



Fig. 3. Jonathan Capra, Héctor Mercado, Carlos Mostajo, Oliver Camacho e Luis Pablo Alvis, 2° secundária (equivalente à 1° série ensino médio) Estudo do futebol como forma de estética barroca. Fotografia e edição digital. Colégio Saint Andrews, La Paz, Bolívia, 2004.

Estes movimentos passaram depois a ser parte de manipulações digitais e animações. A pesquisa deles fluía de um estado a outro enquanto crescia o campo de relações que eles estabeleciam com o futebol. No meu informe do terceiro trimestre escrevi:

Una de la tareas más difíciles para los estudiantes es identificar problemas, que en la creación artística es fundamental. Para ellos, acostumbrados a seguir instrucciones para los procedimientos de una determinada técnica y de los cuales se espera un buen resultado de acuerdo a un modelo a seguir, el tener que identificar por ellos mismos un problema formal o conceptual se hace una tarea extremadamente dura. [...]

El trabajo más remarcable es el realizado por estudiantes del 2º B, que desde el año anterior han utilizado el fútbol como centro de su problemática estética, alrededor del cual trabajan el vídeo, la fotografía, la imagen digital y las técnicas tradicionales. (FERNÁNDEZ, 2005)

Em 2007, já no 4º ano da secundária (equivalente à 3º série do ensino médio no Brasil) em que analisávamos a arte contemporânea Jonathan e Héctor desenvolveram uma série de ações performáticas com um carrinho de supermercado. Converteram o carrinho no seu meio de transporte com uma bandeira boliviana, um aparelho de som, almofadas, revistas e objetos fetiche. Com este carrinho eles realizavam ações performáticas nas ruas do centro comercial do bairro que é o percurso dos adolescentes e jovens que gostam de desfilarem pelas praças em carros caros com o som em volume alto. Com esta ação eles queriam levar a estes contextos, um movimento mutante, ou *Movere Mutatio*, como eles chamaram a obra no manifesto que distribuíram na escola e na rua. Neste manifesto eles inauguravam um novo carro que no seu movimento mudasse tudo ao invés de perpetuar as relações de poder que os carros promovem. O *Movere Mutatio* oferecia uma nova experiência em transporte e uma forma de refletir sobre o fetichismo dos objetos e como são representados e consumidos.

No final daquele ano organizamos uma viagem à beira da montanha nevadas do Wayna Potosí na Cordilheira dos Andes para realizar intervenções na paisagem. Jonathan e Héctor levaram o *Movere Mutatio* e ofereceram passeios dentro do carrinho com música andina (fig. 4).



Fig. 4. Jonathan Capra, Héctor Mercado, 4º secundária (equivalente à 3º série ensino médio). *Movere Mutatio*. Ação performática com carrinho de supermercado. Fotografia no cemitério de Zongo, Wwayna Potosí. Colégio Saint Andrews, La Paz, Bolívia, 2006.

As pesquisas destes estudantes e a maneira como desenvolveram seu trabalho sempre destacou pela forma como fluíam entre diversas abordagens e diversos problemas, pela procura da diferença como estado ontológico no ser singular e plural pois sempre pesquisavam sobre si mesmos quando pesquisavam sobre o mundo e se relacionavam com ele, e finalmente pelo posicionamento político que tomavam com obras que marcavam espaços de dissidência no coração de uma sociedade conservadora numa faixa etária que ridiculariza o diferente. É isto que hoje compreendemos como uma paisagem curricular que se compõe de múltiplas camadas em constante mutação e fluido.

Estas possibilidades de abertura se encontram na Educação em Visualidade. Nesta perspectiva não se procura fazer arte na escola, mas fazer, analisar e interpretar imagens, objetos e situações da vida da maneira como faria um artista: pesquisando, analisando, interpretando, experimentando e reconstruindo seu mundo, ou como *Movere Mutatio* produzindo um movimento mutante. As camadas em que os trabalhos destes estudantes se tecem fluem entre a arte e a vida. As propostas sempre surgiram deles e encontraram em mim todo o apoio, inclusive para explicar às autoridades da escola porque é possível jogar futebol na hora de arte.

Na Educação em Visualidade a paisagem curricular se encontra na tensão entre o planejado e o vivido, entre a teoria e a prática, entre conteúdo e a forma, entre o sujeito e o objeto, entre a pesquisa e a criação e ainda toma em conta as camadas do passado, do presente e do que ainda não é, do desconhecido, do incompleto, do aberto e da imaginação. A arte aqui atua como uma potência de linguagem, um *Movere Mutatio*.

Considerações finais

Numa paisagem desoladora somos chamados a um amplo despertar para reinventar e reconstruir nossas paisagens. Como educadores da visualidade nossa maior responsabilidade é procurar um currículo de significados atento às esferas da subjetividade que exprime o singular e o social. Um *currere* nos proporciona uma paisagem curricular em fluxo onde a multiplicidade de visões podem estabelecer conversações complicadas nos espaços "entre" o que é previsível e o que é imprevisível. O desconhecido, o diferente e o dissenso caracterizam um processo, que como a arte, se forma na singularidade da vida.

Como educadores da visualidade é necessário que sintamos as paisagens em fluxo dos nossos estudantes correr nas nossas próprias paisagens. E se há algo que podemos fazer para reconstruir as nossas paisagens existenciais como cidadãos do mundo é cuidar das diferenças antes que as padronizações nos desapareçam. Devemos continuar nosso movimento mutante, nosso *Movere Mutatio*.

NOTAS

¹ O relato de experiência é de Tatiana Fernández

REFERÊNCIAS

BIESTA, Gert. A New Logic of Emancipation: the methodology of Jacques Rancière. *Educational Theory*. Vol. 60, N° 1, p. 39-59, 2010.

DEWEY, John. **Experience and Nature**. London: George Allen & Unwind, 1929.

_____, _____. **Art as Experience**. N.Y.: Penguin Group, [1934] 2005.

EISNER, Elliot. **The Arts and the Creation of Mind**. London: Yale University Press, 2002.

GREENE, Maxine. **Landscapes of Learning**. Teachers College Press, 1978.

FERNANDEZ, Tatiana. **Cultuarte**: Educación cultural, artística y tecnológica en el escenario posmoderno. Proyecto de Grado Maestría. Instituto Universitario de Posgrado, Universidad Autónoma de Barcelona, Universidad de Alicante, Universidad Carlos III de Madrid, España. Bolivia, 2005.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, [1977] 2008.

GIROUX, Henry. **Border Crossings**: Cultural Workers and the Politics of Education. New York: Routledge, 2005.

GUATTARI, Felix. **Cahosmosis**: An Ethico - Aesthetic Paradigm. Indiana University Press, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **Sobre políticas estéticas**. Barcelona: Museo de Arte Contemporáneo, Universidad Autónoma de Barcelona, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, (1945), 1996.

PINAR, William. **What is curriculum theory?**. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

_____, _____; IRWIN, Rita. **Curriculum in a New Key**: The Collected Works of Ted. T. Aoki. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

_____, _____; REYNOLDS, William; SLATTERY, Patrick; TAUBMAN, Peter. **Understanding Curriculum**: an introduction to the study of historical and contemporary curriculum discourses. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2008.

WILLIAM PINAR SEMINAR **Allegories of the Present: Curriculum development in a Culture of Narcissism and Presentism**. Tallinna Ulikool. Haridus- ja kasvatusteaduste doktorikool. Tallinn Estonia. 22/08/2011. Vimeo, 1:56:54. Encontrado em: <<http://vimeo.com/28393833>> Acesso em 12/12/2012.

Tatiana Fernández

Mestre e Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, Prof^a Assistente do Instituto de Artes da Universidade de Brasília e doutoranda do PPG -Arte da mesma Universidade. Participa do Grupo de Pesquisa Transviações: Visualidade e Educação da UnB. Sua linha de pesquisa se centra nas coincidências entre evento pedagógico e evento artístico e na formação de uma Pedagogia Cultural de Fronteira.

Belidosn Dias

Doutor em Estudos Curriculares em Arte Educação - Arte Visuais na University of British Columbia Canadá. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Especializou-se nos estudos críticos da sexualidade, particularmente na Teoria queer, para analisar a Cultura Visual, especificamente o cinema, a fotografia, os quadrinhos e as Artes Visuais contemporâneas.